

PRÁTICA DOCENTE NA EJA: ESPANTO E REENCANTAMENTO

Rayda Cristina Lopes
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte - UERN
raydalopes@hotmail.com

Francisco Canindé da Silva
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte –UERN
caninprof@hotmail.com

INTRODUÇÃO

O presente trabalho faz uma reflexão de como vem se caracterizando o trabalho dos professores na Educação de Jovens, Adultos e Idosos (EJA), considerando para essa análise, a compreensão de como esses profissionais, não dispendo de formação inicial e continuada e de experiência formativa, produzem nas circunstâncias da atividade cotidiana *espanto, estranhamento e reencantamento* (CERTEAU, 2016) possíveis e necessários de justiça cognitiva docente.

Esta pesquisa vem sendo desenvolvida, a partir do Programa Institucional de Iniciação Científica (PIBIC) da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), Campus de Assú/RN, que tem como tema central “O Trabalho docente na Educação de Jovens, Adultos e Idosos: espanto, encantamento e justiça cognitiva”.

Compreendemos que um dos grupos mais afetados pelas reformas políticas e administrativas no campo da educação, é o grupo de professores em suas diferentes atividades docentes, considerando que, as reformas educacionais apontam para a necessidade de reafirmação do capital, transformando os professores em bodes expiatórios para seus processos de consolidação de produção.

Em consonância com o projeto, realizamos a seleção dos referenciais teóricos, percebendo e destacando concepções políticas e epistemológicas emancipatórias, acerca do fazer docente cotidiano enquanto atitude de justiça cognitiva, conforme defende Santos (2005). Compreendemos que o *consenso fabricado* sobre o que é conhecimento, política, cultura, etc., decorre da forma como uma racionalidade arrogante – a ciência moderna – se tornou monocultural e produziu a seu turno, a cristalização e a hierarquização entre os saberes – os legítimos e não legítimos. Além deste, também estamos enlaçando à pesquisa reflexões teórico-metodológicas das pesquisa *nosdoscom* os cotidianos (OLIVEIRA, 2008).

Para que pudéssemos pensar, construir e reconstruir outros caminhos possíveis ao trabalho docente nessa modalidade, assumimos enquanto procedimento metodológico as *rodas de conversa* com professores de uma escola pública municipal de ensino em Assú/RN, buscando por meio dessa conversa, fazer registros e em seguida capturar e traduzir *espanto, estranhamento e reencantamento* vividos pelos docentes.

DESENVOLVIMENTO

Estamos compreendendo por justiça cognitiva (SANTOS, 2005), como sendo a abertura para um diálogo entre as diferentes formas de saberes e de que a ciência possa dialogar com essas maneiras de saber sem desqualificá-los. Ou seja, reconhecer a existência de outras culturas e conhecimentos que foram desprezados em nome de uma visão reducionista de ciência, que produziu desperdícios e a destruição de diversas outras experiências cognitivas humanas.

A partir dessa compreensão, foi possível realizarmos uma reflexão acerca das conversas realizada com duas professoras que atuam na modalidade educativa da EJA. Percebemos por meio de seus relatos como veem construindo o conhecimento com as mulheres e homens, jovens, adultas e idosas que frequentam essa modalidade educativa.

Quando perguntamos a Professora entrevistada 01 como se constrói o conhecimento para a modalidade EJA, nos respondeu que:

A gente trabalhava com o livro didático, mas sempre trazendo o conteúdo, sempre trazendo o conteúdo para o dia a dia do aluno, a realidade do aluno inserida ali na sala de aula. (Professora entrevistada 01)

Buscando compreender o que a professora mencionou enquanto “trazer a realidade do aluno”, perguntamos: como você trabalha essa questão? Obtivemos a seguinte resposta na continuidade da conversa:

Por exemplo, quando a gente vai trabalhar a história do dia a dia, a gente pegava cada aluno e fazia um questionário sobre a estória dele, ele ia falar sobre si mesmo. Sobre como foi sua vida, como era, as dificuldades, a família. Então, isso trazia o dia a dia cotidiano de cada aluno pra sala de aula. Chama muito a atenção a estória deles, são pessoas bem sofridas, né! São pessoas que passaram por muitas coisas, muitas adversidades na vida, tem vários tipos de estória. Pessoas que viajaram pra longe e voltaram pra casa, pessoas que passaram por tragédias familiares. Assim, eles sempre tem um motivo pra ter abandonado a escola, seja a necessidade de trabalhar, normalmente é a necessidade de trabalhar. (Professora entrevistada 01)

Entendemos, a partir do primeiro relato, quando a Professora entrevistada 01 refere-se ao trabalho com o “livro didático, mas sempre trazendo o conteúdo para o dia a dia”, mesmo

apontando o livro didático como uma das principais formas de produzir conhecimento, articula os saberes cotidianos dos alunos, levando-nos a reconhecer como indício de justiça cognitiva – necessidade de diálogo entre diferentes saberes.

No segundo momento, a professora ao reconhecer que esses sujeitos produzem conhecimentos a partir de suas experiências sociais e históricas e não podem ser simplesmente remetidas à margem. Além do reconhecimento de uma injustiça cognitiva, também podemos perceber em seu relato *espanto e encantamento* (CERTEAU, 2016). *Espanto* é entendido nesse contexto, como o nascimento da preocupação e compromisso com a situação formativa dos estudantes, ou seja, como ato de indignação, denúncia e anúncio de um trabalho docente relacionado com a vida de cada sujeito envolvido.

Nesse sentido, não é mais possível sustentar que apenas ciência moderna continue a descrever e interpretar como viver no mundo a partir de suas teorias, dado que existem na sociedade diferentes modos de existir e reexistir em que os sujeitos e essas diversas características e dinâmicas tem produzido sua subsistência.

Ao trazer o depoimento da Professora entrevistada 02 referente ao desenvolvimento de suas práticas pedagógicas, mencionou que o planejamento é realizado de acordo com o que é exigido pela escola e com os materiais, principalmente os livros didáticos que veem para serem utilizados por professores e alunos.

Algumas vezes tento modificar o plano de aula, pois alguns alunos não conseguem acompanhar, entender os conteúdos, principalmente porque não conseguem interpretar os textos. (Professora entrevistada 2).

Tento fazer minhas aulas desse modo, pois sei que muitos trabalham durante o dia, e quando chegam pra aula já estão cansados. Tento fazer o que posso para que eles possam se interessar pelas aulas, as vezes quando vou explicar os conteúdos sobre algo referente a natureza, tento fazer relação com o que eles vêem no percurso de casa até a escola, o que eles observam no caminho. Dou exemplo de um rio, as plantas, ou desmatamento, do que eles conseguem ver no trajeto. Digo que tudo tem relação com o conteúdo que estou explicando, falo da maneira que eles conseguem entender. (Professora entrevistada 2)

Percebemos que a Professora entrevistada pensa na importância em considerar os diferentes problemas relevantes dos indivíduos, fazendo justiça cognitiva não somente com a realidade das pessoas, mas com a problemática social que envolve esses sujeitos. Essa prática docente, demonstra que há uma continuidade entre sujeitos e objetos de conhecimento, natureza e cultura.

Quando a referida professora menciona para os seus alunos o “observar o caminho da casa para a escola”, compreendemos como sendo o transgredir do controle sistemático. Na

conversa, percebemos enquanto *espanto* e *encantamento*, de acordo com Certeau (2016), como sendo a possibilidade de “pensar diferente”, ou seja, para além do que nos é dado para consumo.

De acordo com Certeau (2011), pensar outras maneiras ou jeitos para além daquilo que a história nos conta, nos possibilita perceber possibilidades *outras* para além do prescritivo, capturando outros movimentos que estão para além do que é produzido enquanto verdade absoluta.

CONCLUSÃO

O trabalho propiciou-nos reconhecer que existe uma necessidade e preocupação emergente – encantamentos – dos professores de realizar ações pedagógicas que possibilitassem a compreensão de mundo dos sujeitos, explicando o lugar de conhecimento, a partir do que é definido como sendo conhecimento válido (livros didáticos, por exemplo) objeto de validade do conhecimento na escola.

Nesse contexto, o uso dos livros didáticos e as relações estabelecidas com as experiências sociais dos sujeitos jovens e adultos se constituem ao mesmo tempo em *espanto* e *reencantamento*, especificamente ao relacionar os currículos pré-estabelecidos com os currículos praticados, promovendo a emancipação social docente e dos educandos de maneira decente.

REFERÊNCIAS

CERTEAU, M. de. **História e psicanálise**: entre ciência e ficção. Trad. Guilherme João de Freitas Teixeira. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2016 (Coleção História e Historiografia, 3).

CERTEAU, M. **A invenção do cotidiano**: artes de fazer. Trad. Ephraim Ferreira Alves. 17. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

OLIVEIRA, I. B. Currículos praticados, emancipação social e democracia no cotidiano das escolas: um relato de pesquisa. *In*: FERRAÇO, C. E; PEREZ, C. L; OLIVEIRA, I. B. (orgs.). **Aprendizagens cotidianas com a pesquisa**: novas reflexões em pesquisa nos/dos/com os cotidianos das escolas. Petrópolis: DP *et Alii*, 2008.

SANTOS, B. S. **Semear outras soluções**: os caminhos da biodiversidade e dos conhecimentos rivais. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005. (Coleção Reinventar a emancipação social: para novos manifestos, v. 4).

SILVA, F. C. da. Práticas pedagógicas cotidianas da EJA: memória, sentidos e traduções formativas. Tese (Doutorado) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro/RJ, 2016.